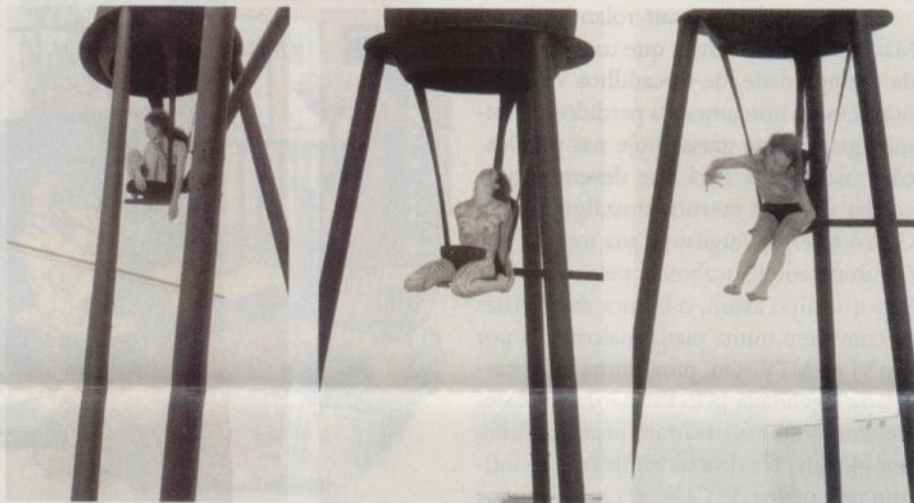


Dança

## Na idade adulta da arte

Ana Francisca Ponzio | A portuguesa Vera Mantero rompe todos os padrões do corpo



Fotos: Laura Castro Caldas

A obra híbrida de Rui Chafes e Vera Mantero, criada especialmente para a Bienal paulista

O CORPO NU, recoberto por desenhos que se ramificam pelos braços e pernas, lembrando formas da natureza, continua em movimento na escultura, de 6 metros de altura, de Rui Chafes, na 26ª Bienal de São Paulo. Depois das apresentações ao vivo, ocorridas na semana de inauguração da mostra, as performances de Vera Mantero permanecem integradas às estruturas de

ferro do artista português na obra conjunta de ambos, intitulada *Comer o Coração*. Só que agora virtualmente, em registros de vídeo, projetado em uma tela.

Após a repercussão alcançada no início da Bienal, Mantero apresentou-se em teatros de São Paulo e Rio de Janeiro, onde duas peças de sua autoria – *Olympia* e *Talvez Ela Pudesse Dançar Primeiro e Pensar*

*Depois* – comprovaram a excepcional expressividade dessa artista pouco conhecida no Brasil, mas que é consagrada internacionalmente como uma das principais criadoras da chamada nova dança portuguesa, considerada atualmente um dos mais importantes movimentos de dança de vanguarda. O espetáculo mais recente de Vera, *Super Heróis*, estará em cartaz em novembro, no Centro Pompidou, em Paris.

Hoje, com uma trajetória consolidada e um trabalho que transcende as categorizações, Vera Mantero é uma artista que alarga a compreensão não só sobre a dança, mas sobre a arte contemporânea. Em sua carreira também se inscreve a evolução artística de Portugal a partir dos anos 80, quando ela e outros criadores de sua geração encontraram em seu país a abertura necessária para novas propostas e experimentações.

“Tive muita sorte”, diz ela. “Surgiu num momento em que havia bastante disponibilidade e aceitação para coisas novas em Portugal.” Nascida em Lisboa, em 1966, Vera formou-se em dança clássica e aos 18 anos ingressou na mais importante companhia de seu país, o Ballet Gulbenkian, cujo repertório trafega do neoclássico ao moderno. “Eu tinha tudo para aprender no Gulbenkian, seja em termos técnicos ou profissionais. Lá, pude trabalhar com coreógrafos que me deram fundamentos importantes. Porém, logo meus interesses ultrapassaram aquela realidade e, a certa altura, me senti limitada.”

### Improviso corporal

Após três anos dançando no Gulbenkian, Vera desligou-se da companhia para adquirir novos conhecimentos em Nova York, onde frequentou cursos de composição, voz e teatro. Em dança, a experiência mais marcante ocorreu junto a mestres como Lisa Nelson, que lhe revelaram as potencialidades da *contact improvisation*, a técnica que surgiu nos Estados Unidos no início dos anos 70 e que se baseia na intercomunicação entre os corpos. A dança surge a partir de informações físicas que os bailarinos trocam mutuamente, na forma de impulsos, apoios e estímulos.

“Na Europa, pertencemos a uma civilização que não se toca. Ao contrário do Brasil, onde o contato físico ocorre com muito mais naturalidade, a cultura europeia difi- ▶

► culta a aproximação física. Tocar o corpo um do outro e ser caloroso são coisas que ocorrem em Portugal somente dentro da relação amorosa ou conjugal, ou ainda vagamente entre familiares”, diz Vera. “Por isso, a *contact improvisation* me pareceu uma técnica revolucionária, pois é toda feita a partir do toque entre as pessoas.”

Segundo ela, a *contact* rompe com a visão racionalista do corpo no espaço, que remonta ao século 18. “Assim como o balé clássico, permite realizar movimentos muito virtuosos e espetaculares, mas o seu centro gerador situa-se no interior de cada bailarino”, explica a artista, que também cita como referências o teatro de Antonin Artaud e a obra filosófica de Gilles Deleuze.

Vera diz que a brasileira Sonia Motta foi outra fonte de inspiração, que estimulou sua busca por novas possibilidades. Bailarina, coreógrafa e professora de São Paulo, Sonia vive na Europa e seu encontro com Vera ocorreu quando ministrou aulas no Ballet Gulbenkian. “A Sonia me trouxe uma visão completamente diferente da dança. A dança que ela ensinava vinha muito mais de uma vibração interior, de uma alegria e de um calor humano que também rompiam com o movimento formalista para se concentrar nas idéias”, conta Vera. “Nas aulas, nós nos libertávamos daquelas velhas melodias tocadas em salas de aula ao piano, para experimentar as músicas que ela trazia.” Sonia vinha sempre com discos que revelavam à artista portuguesa ritmos diferentes, que quebravam seus padrões.

#### Dança só era pouco

O desejo de extrapolar limites acabou despertando em Vera um sentimento de insuficiência em relação à dança. “A dança era minha profissão, mas me parecia que o cinema, a literatura, o teatro e certos tipos de música iam mais diretamente ao âmago das coisas”, diz. A partir daí, ela passou a se perguntar o que existiria de diferente nessas outras artes e o que elas poderiam oferecer para a dança.

Foi o início do desenvolvimento de espetáculos que apagavam as fronteiras entre a dança e as demais expressões. Sofisticadas e provocadoras, suas propostas seduziram a intelectualidade européia, mas muitas vezes desagradaram platéias que identificavam seu trabalho como uma ne-

gação da dança. Em um espetáculo, o solo em homenagem a Joséphine Baker intitulado *uma misteriosa Coisa disse o e.e.cummings*, de 1996, Vera expressa com radicalidade sua insatisfação com um tipo de dança voltado apenas para o encadeamento de movimentos e passos. Usando pesados sapatos em forma de pés de cabra, que imobilizavam suas pernas, se apegava à palavra falada para melhor expressar suas questões sobre as impossibilidades.

Em contrapartida, também criou espetáculos em que o movimento é o recurso dominante, como em *Talvez Ela Pudesse Dançar Primeiro e Pensar Depois*, de 1991. Nessa peça, ao som de *Ruby, My Dear*, de Thelonius Monk, Vera dança inteiramente nua, com uma expressividade excepcional, que enfatiza o poder e a espontaneidade dos pequenos gestos.

Sobre a nudez, freqüente em seus espetáculos, ela salienta: “Muito antes de aparecer despida em cena, eu já falava da nudez metaforicamente. Nudez transmite despojamento e fragilidade, significa que uma pessoa está de mãos vazias perante nós, sem apegos ao poder. Considero esse estado muito importante para o performer”.



Laura Caetano Caldas

De mãos vazias: a fragilidade da nudez

Vera ainda assinala que os limites que ela enxergava na dança correspondem a um contexto histórico específico. “No início dos anos 80, a dança tinha adquirido certas convenções, obedecia a padrões de formalidade que não proporcionavam grande expressividade aos bailarinos”, conta. Àquela altura, ela ainda não tinha tido acesso à dança-teatro, que só chegou a Portugal mais tarde. “Para se ter idéia, só conheci Pina Bausch em 1989, por meio de vídeos na biblioteca do Lincoln Center, em Nova York.”

#### Os possíveis do corpo

Para Vera, apoderar-se de diferentes meios e exercer a dança com inteira liberdade é uma conduta capaz de conduzir à completude artística. Ela reconhece que algumas de suas criações não podem ser reconhecidas como dança, mas enfatiza que peças essencialmente teatrais, como *uma misteriosa Coisa disse o e.e.cummings*, não seriam feitas por um artista que não fosse da dança. “A dança contemporânea é uma disciplina que abre imensas possibilidades para o corpo, que pode se reinventar e revelar novas vias de expressão para o artista”, diz. Para Vera, a nova dança pode ser movimento, mas também inúmeras outras coisas, relacionadas a imagens, aos objetos do mundo, à voz. “É como se estivéssemos vivendo uma totalidade, uma idade adulta da dança”, explica.

Tal liberdade permite a Vera múltiplos trânsitos. Ultimamente, ela vem se revelando como cantora, e foi com músicas de Caetano Veloso que deu vazão a seu talento vocal. “Meu trabalho já incorpora a voz há muito tempo, porém de forma experimental”, diz. Há cerca de três anos, foi convidada a participar de uma leitura de poesias em Lisboa. Achou que não se sairia bem ao ler poemas de outros autores e, por isso, resolveu cantar canções de um poeta que adora, que é o Caetano. “Acreditei que seria uma contribuição diferente e deu certo. Todos gostaram.”

Desde então, Vera se dá o prazer de realizar recitais de canto, até agora marcados pelo repertório de Caetano, cuja vitalidade representa para ela uma nova força motriz, capaz de desencadear novos processos criativos. “É preciso se entregar às descobertas e ver para onde elas nos levam”, diz, disposta a abrir novas perspectivas em sua carreira. ●●